

## **SABEDORIAS CERRATENSES EM UMA EPISTEMOLOGIA DA ECOLOGIA DOS SABERES**

## **CERRATENSE KNOWLEDGE IN AN EPISTEMOLOGY OF THE ECOLOGY OF KNOWLEDGE**

## **EL SABER CERRATENSIS EN UNA EPISTEMOLOGÍA DE LA ECOLOGÍA DEL SABER**

*Eduardo Ferraz Franco*<sup>1</sup>

PPGEO/UEG, Goiás (GO), Brasil

**Resumo:** As formulações filosóficas e científicas compreendidas no interior dos paradigmas ocidentais se dão a partir de uma suposta neutralidade, em que o sujeito do conhecimento desterritorializa-se e assume uma visão de sobrevôo. A abstração do sujeito do conhecimento favorece a conservação dos privilégios de um mundo organizado a partir das hierarquizações da colonialidade. Romper com a neutralidade e contextualizar geograficamente os sujeitos do conhecimento promovem uma epistemologia da Ecologia dos saberes. Dentre a biodiversidade epistêmica, os pensamentos situados a partir dos Cerrados goianos fornecem perspectivas que auxiliam a compreensão do sistema-mundo.

**Palavras-chave:** Homo cerratensis; Ecologia dos saberes; Decolonialidade.

**Abstract:** Philosophical and scientific formulations understood within Western paradigms are based on a supposed neutrality, in which the subject of knowledge is deterritorialized and assumes an overflight vision. The abstraction of the subject of knowledge favors the conservation of the privileges of a world organized from the hierarchizations of coloniality. Breaking with neutrality and geographically contextualizing the subjects of knowledge promote an epistemology of the Ecology of knowledge. Among the epistemic biodiversity, the thoughts situated from the Cerrados of Goiás provide perspectives that help the understanding of the world-system.

**Keywords:** Homo cerratensis; Ecology of knowledge; Decoloniality.

**Resumen:** Las formulaciones filosóficas y científicas entendidas dentro de los paradigmas occidentales se basan en una supuesta neutralidad, en la que el sujeto de conocimiento se desterritorializa y asume una visión de sobrevuelo. La abstracción del sujeto del saber favorece la conservación de los privilegios de un mundo organizado desde las jerarquizaciones de la colonialidad. Romper con la neutralidad y contextualizar geográficamente a los sujetos del saber promueve una epistemología de la Ecología de los saberes. Entre la biodiversidad epistémica, los pensamientos situados desde los Cerrados de Goiás brindan perspectivas que ayudan a la comprensión del sistema-mundo.

**Palabras Clave:** Homo cerratensis; Ecología de los saberes; Decolonialidad.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando em Geografia no Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/UEG), bolsista do pós-doutorado estratégico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: eferrazfranco@hotmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é enunciar pensamentos que só são como são em decorrência do seu lugar de enunciação. O objetivo não é defender uma verdade, convencer de que se esteja correto, mas ampliar o debate, alimentar o diálogo para interpretações que emanem dos mais diversos lugares. Ocultar a posição geográfica a que um pensamento foi enunciado é corroborar com a conservação das estruturas coloniais. Diversificar os lugares de enunciação e ampliar as áreas de produção de saber, fomenta uma ecologia de saberes. Somos ecologistas, apoiadores da pluriversidade, em contraposição à toda monocompreensão, contrários à monocultura em todos os seus âmbitos.

Os discursos tradicionais das ciências e das filosofias modernas ocultam a posição em que foram enunciados. O pressuposto tradicional é o de que o pensador se eleva acima da sua existência corpórea, espacializada, e sobrevoa o mundo como uma razão pura, sem determinações particulares. Esses discursos falam sobre o homem em geral, como se existisse tal generalidade. Este artigo parte do pressuposto de que cada lugar de enunciação, cada pensamento enunciado, proferido por seres corpóreos que ocupam espaço no mundo e se posicionam em relação a uma estrutura de hierarquizações de poderes artificialmente forjada para conservar privilégios, cada pensamento situado, possui perspectivas únicas e têm contribuições específicas a oferecer para a sociedade. Desde que, é claro, exercite e expresse pensamentos.

Se se considera e valoriza os diversos lugares de enunciação como possíveis espaços para a criação autêntica, o saber, as ciências e as filosofias, deixam de ser prerrogativas de uma elite erudita, majoritariamente formada por homens, brancos, ricos, cisgênero e eurocentrados. A ampliação da valorização dos saberes promove uma biodiversidade epistêmica, uma ecologia dos saberes. Em contraposição à monocultura da ciência moderna, que limita a criatividade a partir de métodos pré estabelecidos que invisibilizam as particularidades do sujeito cognoscente em sua pesquisa.

Os pensamentos elaborados a partir de lugares de enunciação posicionados nos Cerrados goianos, oferecem elementos de autenticidade que florescem essa ecologia. Os Cerrados, com suas particularidades de um bioma território antigo e complexo, com características fitofisionômicas únicas, proporciona em seus habitantes um estilo de vida

cerratense. A forma como o bioma território dos Cerrados foi ocupado ao longo da história, sua apropriação desigual e violenta por parte do mercado financeiro desde o norte global, também imprimem marcas no *homo cerratensis*. A partir da crítica à neutralidade científica e filosófica, e da valorização da diversidade de posicionamentos das ecologias dos saberes, pretende-se pensar os Cerrados desde o Cerrado.

Apoiados em leituras que superam as fronteiras epistêmicas, como a geofilosofia, e de teorias que questionam a interferência do poder sobre a produção do conhecimento, que criticam a atuação colonialista de uma geopolítica dos saberes; almejamos caracterizar contextos em que epistemicídios são praticados no interior de Goiás para que seja fomentada, na população local, uma ideologia legitimadora das diferenças coloniais. Ao mesmo tempo, busca-se caracterizar situações de r-existências para preservação dos saberes tradicionais cerratenses, destacando as singularidades da cultura popular dos Cerrados em uma sociedade que cultive valores de biodiversidade, em termos ambientais e epistêmicos, em uma relação de ecologia de saberes.

Propor qualquer teoria filosófica ou científica e ocultar a posição geográfica de onde esse pensamento foi enunciado, e toda a sua complexidade geopolítica, territorial e de territorialidades, é contribuir com a ideologia hegemônica de que os saberes são neutros e universais, é corroborar com o eurocentrismo e as colonialidades. A diversidade de lugares de enunciação fomenta um cânone científico e filosófico ampliado, que estamos nomeando, na esteira de Sousa Santos (2013), como ecologia de saberes.

A complexidade e as contradições que envolvem a ocupação dos Cerrados, sua inserção no sistema mundial de produção de *commodities*, que gera grãos, carnes e minérios para atender as demandas do mercado externo e deixa um rastro de degradação no ambiente, suscitam questionamentos dos rumos a que o paradigma vigente tem nos apontado. Enunciar pensamentos a partir de lugares periféricos escancara as fragilidades do paradigma desenvolvimentista neoextrativista atual, e possibilita a defesa de alternativas, a partir do exemplo de outras formas de ocupação tradicionais, frequentemente apagadas ou silenciadas pelo epistemicídio, alternativas que propõem uma relação mais respeitosa entre ser humano e a natureza da qual todos são parte.

Além da contextualização do lugar de enunciação, relevante para o posicionamento de um pensamento perante a pluriversidade de visões de mundo

cultivados em um projeto voltado para a biodiversidade epistêmica, ou ecologia de saberes, que as discussões relacionadas à decolonialidade suscitam, este trabalho enseja algumas reflexões acerca do método científico. Propõe-se um método para compreensão das dinâmicas, uma dialética, mas em sua concepção original, não cientificista, aproximada da teoria dos exemplares paradigmáticos, que explicita os estágios de transformação social a partir de exemplos destacados do fluxo dos acontecimentos e que desvelam o paradigma ao qual estão vinculados.

Lugar de enunciação, dialética não cientificista e exemplares paradigmáticos formam o pano de fundo de uma compreensão da produção intelectual que invoca uma razão sensível comprometida com a concretude da vida, teorias forjadas em um corpo-território-mundo situados. Essa abertura para apreender o mundo através de bases mais amplas do que as da razão pura tradicional, contrapondo-se com o cientificismo asséptico, que não se mistura com as impurezas do mundo, recorre de bom grado a outros saberes produzidos pela sensibilidade, como a literatura, a poesia, a cultura popular e as artes em geral, como fontes de acesso aos saberes de sujeitos e suas relações territoriais.

## **2. GEOPOLÍTICA, ESPAÇO E DECOLONIALIDADE**

Os pensamentos em chave decolonial, de pensadores latino americanos como Enrique Dussel (2013), Walter D Mignolo (2007), Ramón Grosfoguel (2013) e Nelson Maldonado-Torres (2013) reivindicam a problematização dos aspectos do espaço e geopolítica em toda formulação filosófica, como estratégia para enfraquecer a suposta neutralidade do sujeito epistêmico. A histórica neutralidade científica e filosófica se sustentou no menosprezo ou no silenciamento das questões espaciais, da geografia da razão, em relação à produção do conhecimento, como se a geografia, a história e a biografia individual de um ser não interferisse em seus pensamentos quando voltados ao universal, ao conceitual, abstrato, como se estas informações se tratassem de contingências que podiam ser ocultadas pelo pensador. O estratagema de se considerar os pensadores, em sua grande maioria homens europeus, como sujeitos não situados, como vozes representantes de toda a humanidade, promoveu o silenciamento e invisibilização de pensadores e pensadoras de outros lugares, com outras cosmovisões. Era como se os europeus já tivessem dito tudo sobre a humanidade, pelo seu poder de visão de sobrevôo,

e tudo o que se fosse dizer desde outros lugares devesse ter por base o que eles enunciaram.

No campo do saber, a colonialidade delegou o epistemicídio, o assassinato dos que não se acomodavam no esquema da modernidade racionalista enunciada desde a Europa. Porém as populações subalternizadas não aderiram a esse projeto de maneira inerte. Em paralelo ao processo de homogeneização cultural promovido pelos processos de colonialidade, as r-existências pululam, e o povo pluridiverso, com seus saberes, suas artes, suas cores e cantos, produzem contrarracionalidades e reproduzem culturas autênticas em contraposição ao projeto de monocultura. A r-existência à monocultura do saber promove a biodiversidade epistêmica, a ecologia dos saberes.

### 3. LUGAR DE ENUNCIÇÃO

Este artigo foi elaborado em um contexto mundial de pandemia. Durante um período da história do Brasil em que as forças mais obscuras tomaram conta do país delegando à população o empobrecimento, o desemprego e a miséria. Um país com pessoas que se gabavam de ser de uma semi-periferia, de estar em uma posição intermediária entre os que lucram com a colonialidade e os que são explorados, demonstra atualmente o quão profundas são as suas sequelas coloniais. Por deliberação das elites econômicas globais, endossada pela elite brasileira que sempre atuou como correia de transmissão da riqueza do país para o Norte global, vivemos hoje um processo acelerado de consolidação dos projetos neoliberais, em que o país é todo entregue ao mercado em uma situação de neoextrativismo e neocolonialismo.

De onde estas linhas são escritas, direto de Jataí, na segunda década do século XXI, desde o interior sudoeste do estado de Goiás, historicamente uma zona pioneira na espacialização do projeto desenvolvimentista de modernização agrícola dos domínios Biogeográficos de Cerrado, a situação é desoladora. O berço das águas, área de recarga dos principais aquíferos sul americanos está passando por uma grave crise hídrica. As águas superficiais estão seriamente comprometidas, e os pivôs centrais arrancam incessantemente as águas do subsolo para manter as lavouras na estação seca.

O agronegócio moderno, *agribusiness*, em poucas décadas de atuação, contaminou as águas, envenenou a população, contribuiu para a migração dos rios,

comprometeu os lençóis freáticos, devastou a flora e praticamente extinguiu a fauna nativa, desgastou os solos, que estão passando por um acelerado processo de arenização. Isso sem falar nas populações tradicionais que vivem ilhadas e sem condições de reprodução de sua cultura, ou foram, muitas delas, como povos originários, expulsas desde o século XIX para dar lugar à pecuária.

Horieste Gomes (1994) denunciou o neoextrativismo e neocolonialismo no sudoeste goiano, e apontava que a vinda dos sulistas, a maior parcela dos que são subsidiados para execução do processo de modernização agrícola, foram utilizados para dar a cara de identidade nacional ao projeto que se iniciava, mas que atendiam aos interesses financeiros das multinacionais. Hoje esses atores estão enriquecidos, mas sem nenhum vínculo de identidade com os Cerrados, estão a pregar como se não houvesse amanhã, e assim que as terras começam a mostrar sinal de cansaço, migram sem pesar, para novas frentes de expansão agropecuária. As populações locais, forçadas a migrar do campo para as cidades polo do agronegócio, estão cada vez mais empobrecidas e doentes, por terem tido as suas identidades cerradeiras furtadas, e o seu território envenenado.

No contexto educacional as coisas também não vão bem. Jataí conta com um Campus da Universidade Federal de Goiás desde a década de 1980, instalado na região para formar professores do ensino básico e para qualificar profissionais para o agronegócio. Desde 2019 a universidade atingiu a sua emancipação e é hoje a Universidade Federal de Jataí. Uma das universidades supernovas, enfrenta dificuldades para se estabelecer diante de um governo federal que encara a educação como um obstáculo para os seus projetos entreguistas. Se está difícil para todas as universidades, para as supernovas, que não têm um orçamento consolidado, o desafio é maior. Os contingenciamentos de recursos comprometeram até mesmo o pagamento dos funcionários terceirizados, que podem terminar o ano de 2022 desempregados.

Como estudante de doutorado neste cenário, os desafios foram notáveis. Sem bolsa de estudos durante os três primeiros anos de curso, e estando desempregado, as reflexões contidas no presente ensaio são elaboradas por um estudante em condição de lumpemproletarização (BRAGA, 2016). Entre um *delivery* e outro, feito em bicicleta, distribuindo alimentos não muito saudáveis e que refletem a colonialidade do saber enquanto alimentação (*commodities*), as conexões entre teoria e prática são postas à prova. Em um momento em que todos eram convocados a ficar em casa para não se

contaminar com a Covid-19, o lumpemproletariado precisa sair de casa e correr riscos para garantir a sobrevivência da família e do filho recém nascido. O auxílio emergencial, pago à contragosto do governo genocida e fascista que dominou o poder executivo do Brasil neste quadriênio, era apenas uma oportunidade de investimento, o nascimento de um empreendimento.

Este artigo é fruto da experiência colonial que atinge as periferias do mundo diária e profundamente. Pensar em caminhos para uma produção intelectual que rompa com a conservação desta estrutura abissal que castiga as regiões subalternizadas, é tarefa que se impõe para que o futuro emergja com situações menos desiguais.

#### **4. GEOGRAFIZAR AS FILOSOFIAS E AS CIÊNCIAS**

O questionamento à suposta neutralidade dos sujeitos de conhecimento, fomentado pela burocracia acadêmica é um problema real, explicitado pelas reflexões da decolonialidade. Os filósofos e cientistas formados no Brasil possuem uma formação eurocentrada que omite a riqueza cultural endêmica. Para produzirmos saberes acadêmicos brasileiros autênticos em todas as regiões, é preciso georafizar as reflexões filosóficas e científicas em geral, é fundamental pensar o território e as dinâmicas do poder atuando e influenciando o conteúdo que está sendo criado, do lugar que é enunciado.

O cruzamento entre o filosófico e o geográfico demanda que os conhecimentos acadêmicos estejam em relação com o cotidiano terceiro mundista e periférico da vida no interior de Goiás, em suas camadas populares. Dedicar-se à filosofia acadêmica no Brasil, no interior colonizado pelo bandeirantismo de origem paulista, de onde a França legou uma tradição uspiana de comentários à filosofia europeia, é submeter-se a um processo de europeização. Para uma produção intelectual que não seja mero comentário, há que se resgatar o valor enquanto saber acadêmico, das culturas populares.

Cada pensador, cada sujeito de conhecimento e enunciação de saberes possui uma história e um espaço de formação. As culturas populares, as vivências com o rural, a capoeira, a música, o rock, o *punk*, o *hip hop*, são expressões culturais, manifestação de pensamentos, de compreensão de mundo, que compõem um intelectual único, autêntico, formam a personalidade do autor deste artigo. As vivências enriquecem o estilo da expressão filosófica e científica, e as vivências se dão no espaço, nos lugares. A

velocidade das transformações ocasionadas pela integração do sudoeste goiano ao mercado mundializado, torna essa tensão ainda mais complexa. Com as conexões em redes, é cada vez mais difícil delimitar o que é da cultura local e o que se recebe de influências externas.

Este artigo é resultado de uma trajetória filosófica na encruzilhada com a Geografia. A Geografia pensa o mundo a partir do lugar, valoriza o que está em volta, a trajetória formativa complexa (e não apenas acadêmica) que constitui um sujeito em sua concretude. Conceitos como a Geofilosofia, o *Lócus* de enunciação, o Solo ideológico e a Atmosfera biográfica (Souza, 2019) expressam esse cruzamento. Ter o sudoeste goiano, como lugar de enunciação é estar entre o rural e o tecnológico, e outras dualidades fabricadas pela modernidade.

## **5. EPISTEMOLOGIAS BIODIVERSAS**

O método é a zona de fronteira entre a filosofia e a ciência. A zona de transição se dá na epistemologia e teoria do conhecimento, saberes localizados na fronteira dessas áreas do saber. A ciência pressupõe métodos criados na filosofia. A adoção dos métodos obedece a uma lógica dos interesses hegemônicos. São influenciados e influenciam em uma geopolítica do saber. Tal geopolítica, até o presente, privilegia os pontos de vista desde o norte global.

Contextualizações geopolíticas em conexão com categorias da Geografia como espaço, território, multiescalaridade e lugar, se articulados com a ótica decolonial, podem ser ferramentas eficazes para romper com a heteronomia no campo dos saberes. A ruptura com a tradição tem consequências formais no texto. Os escritos se dão como ensaios, sem linearidade, não estão compreendidos pelo estilo lógico-dedutivo compulsório das academias.

As imprecisões quanto ao método são consequência de uma perspectiva particular: o olhar do colonizado para a colonialidade, que pressupõe um giro decolonial. Para tal, invoca-se uma dialética fluida, não cientificista. Tal dialética é aproximada da teoria dos paradigmas. Descortinar os paradigmas é considerar a influência do tempo e do espaço na enunciação de um pensamento. Revelar os paradigmas supõe contextualizar os



cânones, e ampliar os lugares de enunciação, a valorização de saberes elaborados a partir das mais diversas perspectivas.

Uma produção intelectual assim, desprendida das determinações formais, aberta aos saberes emanados de fontes diversas, abre um leque de possibilidades de fontes de saber amplo, cada qual com os rigores do seu campo do saber. As literaturas artísticas, filosóficas e científicas, as oralidades e corporeidades se entrelaçam em uma composição transepistêmica, que caminha por territórios híbridos. É a proposta de uma Razão sensível. Uma razão sensível enunciada desde os Cerrados corrobora com os propósitos de se recuperar as experiências de conhecimento e alargar o espaço de produção de saber, a abertura para cânones mais amplos.

Contextualizar o espaço e a geopolítica da produção intelectual enfraquece a falácia do sujeito epistêmico neutro. A categoria do lugar possibilita compreender como a história universal se interconecta com histórias locais, produzindo espacialidades autênticas. O território, na perspectiva decolonial é o espaço vivido, por quem interage com ele, e as tensões em torno do poder, da sua gestão e do seu acesso.

A ampliação dos espaços de produção de saberes, multiplica o horizonte de possibilidades criativas, potencializando uma biodiversidade cultural. Os intelectuais engajados nesse projeto cultivam uma humildade perante a infinitude de possibilidades enunciadas dos mais distintos lugares. Os intelectuais possuem uma visão limitada que podem contribuir com o saber, mas o saber não se resume às suas proposições. A geografização dos sujeitos do conhecimento evidencia os limites das filosofias modernas: elas encerram o mundo em dualismos que o dividem de maneira abissal, legitimando a produção intelectual que se faz apenas de um dos lados do abismo. O contraponto é valorizar as múltiplas experiências nos distintos corpos-território. Esta biodiversidade epistêmica, denomina-se ecologia de saberes.

## **6. SABERES CERRATENSES E A ECOLOGIA DOS SABERES**

As filosofias da decolonialidade cultivam a biodiversidade epistêmica e a infinitude de horizontes de possibilidades interpretativas relativa à pluralidade de *locus enuntiationis*. A população oriunda do bioma território dos Cerrados – um domínio que congrega uma série de fitofisionomias, onde as comunidades tradicionais desenvolveram,

ao longo de mais de 13 mil anos de ocupação, tecnologias específicas para a reprodução da vida humana – conceituada por Paulo Bertran (2000) como *homo cerratensis*, é resultado do contato transcultural nada harmonioso entre as populações indígenas e alienígenas. O tronco linguístico macro-jê reúne culturas que se desenvolveram em contato com os Cerrados do Brasil Central.

Entre as populações alienígenas estão as de origem europeia, que começaram a povoar o território goiano a partir da segunda metade do século XVIII, quando começaram a invadir os Cerrados na sanha por riquezas: seres humanos para escravizar, ouro e diamante, terra para a pecuária e agricultura. Alguns desses de origem europeia eram mamelucos, tinham mães indígenas do tronco linguístico Tupi, oriundos da costa leste do Brasil, e se comunicavam em Língua Geral, uma sistematização das línguas Tupi feita pelos jesuítas. Parcela relevante do *homo cerratensis* tem origem africana, adentraram os Cerrados para aquilombar-se e resistir à escravidão, ou vieram como escravizados ou agregados da população de origem europeia, ou migrações posteriores. Essa mistura de matrizes étnicas se dá de maneira nada homogênea, reproduzindo, na região, as hierarquias racistas criadas pelos colonizadores de origem europeia para se impor no poder. Também foram produzidos muitos saberes. A convivência humana em interação com o território, produziu maneiras específicas de compreender o mundo. Um modo de expressar esses saberes foram os provérbios, conhecidos popularmente como ditados populares.

Durante muito tempo o *homo cerratensis* viveu isolado, por dificuldades de comunicação com os centros hegemônicos do poder e do comércio, praticando a subsistência. Apenas os fazendeiros tinham contato com os centros comerciais através da comercialização do gado e da compra de itens que não eram produzidos no lugar, como o sal. A pecuária, combinada com a mineração, foram os principais itens de exportação até meados do século XX. A agricultura era restrita à subsistência.

Desde a década de 1960 a implantação de malha rodoviária facilitou a comunicação das populações cerratenses com o restante do mundo. Aliás, o cerrado passou a conectar o país e o continente, por sua posição central. Essa abertura gerou a entrada massiva do capital internacional que passou cada vez mais a interferir na gestão espacial dos ambientes do Cerrado. A globalização retirou do *homo cerratensis* o seu controle

territorial e o transferiu para os investidores da bolsa de Chicago, através das *commodities*, a cotação unificada dos gêneros alimentícios de consumo global.

As populações periféricas do mundo, de acordo com Santos (2014), apropriam-se dos instrumentos que possibilitaram a globalização, dos elementos da era digital, para socializar iniciativas de resistência e fortalecer os movimentos pela valorização das contraracionalidades, os saberes populares. Estes são modos outros de ver e viver o mundo, que não os do capital e do individualismo neoliberal, são o contraponto à cultura de massas. É um processo que produz culturas autênticas de cada lugar, mesmo em um cenário de globalização. As populações cerratenses somam vozes nesse movimento de retomada da gestão epistemológica e dos territórios, a decolonialidade.

Produções científicas e filosóficas enunciadas a partir do contexto geopolítico dos Cerrados pode revelar especificidades e nuances da existência humana que pensadores do Norte global, ou de cidades com centralidade econômica, localizadas no Sul global, não poderiam revelar. As desigualdades epistêmicas são obstáculos a serem superados para um mundo plural e biodiverso. Os saberes devem ser enunciados de todos os cantos. Reverberar a pluralidade dos saberes contribui com a valorização da diversidade cultural humana (étnica, de gênero e classe) com a especificidade ao bioma território dos Cerrados.

Relacionar-se com esse bioma território possibilita modos próprios de ver e viver o mundo, por conta de sua posição geográfica, particularidades climáticas, de relevo, fauna e flora. O Cerrado ensina a resistir às adversidades, a suportar uma sazonalidade de seis meses de seca e a valorizar os seis meses agradáveis de chuva. O clima e a vegetação imprimem na sociedade a relação entre a aspereza e a delicadeza, entre a carência e a exuberância.

A flora cerratense ensina a ser comedido, a evitar os exageros. O pequi, por exemplo, patrimônio do Cerrado, é um fruto de casca grossa e dura, aparentemente nada atrativo, mas por dentro a polpa é colorida e perfumada. Porém, o consumidor não pode se iludir com o perfume, o pequi deve ser roído com prudência. Os afoitos e desavisados que derem uma mordida gulosa no atraente fruto podem ter a desagradável surpresa de ter a boca tomada por espinhos dolorosos e difíceis de serem retirados. Ser cerratense exige parcimônia. Eis aí um saber que o *homo cerratensis* adquire desde cedo, na relação com o seu meio.

Viver territorializado nos Cerrados produz certas marcas nos sujeitos atentos às vicissitudes deste bioma território. O espírito do *Homo cerratensis*, quando liberado das interferências epistemicidas da colonialidade e da cultura de massas da sociedade globalizada, adquire características específicas do estilo de vida do mundo dos Cerrados. O Cerrado ensina a rebrotar no mês de outubro, a esquecer a seca mais brava e a ressurgir com ânimo renovado às primeiras chuvas. O Cerrado ensina a aceitar a saudade, que a chuva que se foi, ela há de voltar, mas enquanto ela não vem, economizando minhas energias, dá pra tocar, dá pra seguir, dá pra viver.

O Cerrado ensina que por baixo da casca grossa, do tronco/corpo retorcido e das folhas ásperas e espinhosas, a vida pulsa com a sabedoria de quem já está há muito tempo se adaptando às intempéries. O Cerrado ensina que em meio ao marrom, ao cinza, ao monótono, nasce a flor mais delicada, de uma beleza sutil, minúscula, mas de uma importância fundamental para a biodiversidade. O Cerrado ensina a se adaptar ao ambiente, aprofundar as raízes que lá no fundo tem água mesmo na seca. O Cerrado ensina que onde o mar está ausente, o céu é de um azul infinito, e a água mais fresca e doce.

O Cerrado ensina a não ser sempre de um só jeito, cada fitofisionomia é o Cerrado em uma de suas faces. Ele é campo, ele é savana, mas também é cerradão. Ele é mata, é carvoeiro, é capão, buritizal. E se depois de roçado rebrotar, é capoeira. O Cerrado ensina, que o aparente é a menor parte, que o arbusto raquítico é, na verdade, uma grande árvore invertida, com raízes que buscam lá das profundezas, onde nem se imagina, para poder sobreviver. O Cerrado ensina que o pequeno é importante, que faltando uma gramínea, prejudica todo o restante. O Cerrado ensina que está tudo integrado. Se se rompe o equilíbrio todo o resto é afetado. O Cerrado ensina que o sujeito que nele vive imbricado, também é Cerrado. Quando não se entende isso, o morador devasta o seu próprio ser, na busca pelo des-envolvimento, mina suas possibilidades de vida no ambiente.

Os Cerrados produzem marcas no modo de viver do sujeito atento e receptivo ao meio. O sujeito que absorve as influências do território em seu ser vivem como *Homo cerratensis*. As populações originárias cerratenses são as que melhor sabem viver em harmonia e integração com os Cerrados, foram mais de quinhentas gerações de ocupação contínua, só ameaçada a partir da chegada das frentes de ocupação luso-brasileiras. As culturas Macro-jê se desenvolveram em milênios de adaptação ao ambiente dos Cerrados.

Os saberes milenares cerratenses foram desconsiderados e deliberadamente combatidos por forças etnocentradas nos paradigmas europeus. A invasão portuguesa desestruturou os territórios, deslocou populações, as dividiu e misturou. Uma instituição que promoveu epistemicídios foram os aldeamentos indígenas. Sua função era promover o aportuguesamento dos indígenas, torná-los vassallos do rei. Isso para garantir a posse dos territórios de sertão para Portugal, a partir do Tratado de Madri. A economia de mercês era uma maneira de inculcar a hierarquização e os valores da nação portuguesa.

Mas os epistemicídios sempre encontraram resistência, e ela produz e reproduz os saberes cerratenses. Os projetos iluministas de racionalização dos territórios goianos foram frustrados pela resistência e o protagonismo indígena, por sua não adesão. No século XIX o discurso iluminista despiu-se de sua hipocrisia e promoveu abertamente o extermínio e migração das populações originárias. O epistemicídio e genocídio para com as populações indígenas seguiu em curso até hoje. Atores de expressão nessa empreitada são os fundamentalistas neopentecostais. Sua atuação é focada nas lideranças, no apagamento de memórias ancestrais. Além de sujeitos e grupos não territorializados, em Goiás existem hoje três povos indígenas com território assegurado: Iny, Tapuia do Carretão e Avá-canoeiros.

Os processos de epistemicídio e subalternização de saberes e populações não são fenômenos restritos às populações tradicionais e operam e são postos em prática todas as vezes que se reforça as hierarquias criadas pela modernidade/colonialidade e mantenedoras de seu processo. O processo colonial nos interiores do Brasil é parte de um sistema global, mas assume características específicas. A burguesia nacional atua como intermediária, como correia de transmissão das riquezas da colônia para as metrópoles.

Na década de 1960 houve um movimento de geração de interdependência capitalista entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, através da criação de dívida externa para construção de infra estrutura necessária para integração no mercado mundial. Nesse contexto se deu a modernização da agricultura goiana. O processo ocorre com uma falsa identidade nacional. No sudoeste goiano, os sulistas atuaram como intermediários, bem como o Banco do Brasil, que forneceu os subsídios adquiridos por empréstimo tomado do mercado internacional. Na paisagem não aparece claramente a presença das multinacionais, quem não se aprofunda crê que o que ocorre é o desenvolvimento regional.

Os epistemicídios, as r-existências culturais e o cultivo da ecologia de saberes estão relacionados com a postura dos intelectuais em relação à colonialidade. É preciso compreender que há uma luta de classes na teoria. Essa luta de classes fabrica e difunde, por exemplo, a ideologia do agronegócio, que agrupa números estatísticos para superestimá-los, que omite a fabricação de resíduos nocivos, que alarga o conceito de sustentabilidade. Mesmo quando se tratam de intelectuais críticos, quando não são contextualizadas as suas próprias contradições, sua produção pode fomentar a heteronomia, a reprodução das relações verticalizadas. Há que se problematizar a maior concentração de instituições e investimentos em educação nas regiões de maior dinâmica econômica e o menor peso conferido às instituições de ensino interioranas. Sociocentrismo e etnocentrismo, são diferentes graus das mesmas hierarquizações coloniais praticadas em âmbito global e doméstico.

Considerar os processos de colonialidade contemporâneos a partir do interior de Goiás, requer algumas considerações sobre o fenômeno recente do bolsonarismo e as tendências neo fascistas e neoliberais da sociedade brasileira. Velhas ideias autoritárias do século XX estão sendo requentadas no Brasil do século XXI. Os movimentos autoritários de massa, ressignificados e animados pelas novas tecnologias digitais, se tornaram o problema da atualidade no território goiano.

O bolsonarismo movimenta uma massa ignorante e inimiga de todo pensamento com motivações fomentadas por uma suposta guerra cultural promovida pela esquerda. As ideologias do agro e as falácias baseadas em um PIB inflado que não expõe as desigualdades, favoráveis às agendas neoliberais se adaptaram sem grandes dificuldades à tendência neofascista. Nesse contexto de crise, a filosofia, tomada como concreta, como ligada à vida e para responder às demandas reais, pode fornecer antídotos ao fascismo à brasileira.

O cruzamento entre filosofia e geografia propicia um terreno fértil para propor compreensões para as singularidades espaciais de um fenômeno que teve origem em outros tempos e espaços, mas que tem suas raízes plantadas na colonialidade brasileira e goiana. O processo escravista, violento, epistemicída, ecocída de ocupação de Goiás. As desigualdades conservadas sobre desigualdades sobrepostas em distintos períodos, formaram uma sociedade ressentida com a transformação, com a diversidade, com a

melhoria da qualidade de vida da população mais pobre, que eles acostumaram a ter como agregados, que lhes devem obrigação.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em meio à infinitude de possibilidades epistêmicas, nosso propósito é enunciar pensamentos a partir do bioma território desigual dos Cerrados. Formular pensamentos situados desde o Sul global, evidencia os limites dos paradigmas desenvolvimentistas, que produzem miséria e degradação com um discurso de estarem acumulando riqueza para sanar o problema da fome. A depender deles, a riqueza nunca será repartida. Os pobres ficam sem comida e com os territórios degradados, os ricos com comida e com os territórios sãos. O Norte global desde que se impôs como gestor de um mundo direcionado ao progresso industrial e tecnológico, ficou com a maior parte do bolo feito com ingredientes e mão de obra do sul. As burguesias nacionais subalternas acessam uma pequena fatia desse bolo e se dão por satisfeitas. Festejam e fomentam a rapina do seu próprio país. Gozam ao ver seus compatriotas não brancos na miséria, sem direitos trabalhistas, sem acesso à saúde e educação gratuitos e de qualidade. Essa atitude das elites brasileiras assevera ainda mais as feridas coloniais, as fraturas sociais entre a população.

Os questionamentos de natureza epistêmica que inspiraram este artigo estão situados em uma fronteira conceitual entre filosofia e geografia. Um território da Geofilosofia, da Geografia da filosofia, ou da Filosofia da Geografia, não importa. O termo que define a área do conhecimento é pequeno e inadequado ao que se propõe. Busca-se pensar a partir de um território transepistêmico, onde os saberes originários de fontes diversas, sejam todos valorizados, respeitados e legitimados. Que os saberes sejam articulados para uma compreensão ampliada da vida, que supere os preconceitos, que destrua a violência, que elimine as iniquidades.

Colonialidades do saber produzem epistemicídios. Mas desde sempre houve e há resistências, que reinventam os saberes tradicionais articulando-os com os conhecimentos modernos, criando cultura popular, que é como se fosse a personalidade que caracteriza um lugar. Em decorrência da pluriversidade específica de cada lugar, defendemos a abertura para a diversidade de lugares de enunciação. Ao mesmo tempo em que esta

postura leva à humildade do pesquisador em identificar o seu *locus* de enunciação, o seu pensamento é apenas o que é, por conta da sua perspectiva particular. No caso deste artigo, trata-se das perspectivas de um pesquisador situado nas camadas populares do sudoeste goiano.

As resistências, as inteligências, as estratégias, a astúcia e a força dos povos originários, que tiveram que aprender a se defender de toda sorte de ataques de invasores contaminados com a ideologia imperialista do racismo, ao longo de uma guerra interminável entre tecnologias bélicas distintas, precisam ser reconhecidas e valorizadas. Os goianos têm uma enorme dívida histórica com os indígenas e quilombolas cerradeiros, mesmo os que não estão mais territorializados no estado, que foram forçados a migrar. O Estado precisa direcionar políticas públicas para essas reparações.

A consolidação de uma psique goiana mais saudável depende dessas reparações. Também é relevante que façamos o resgate da memória das atrocidades e violências da colonialidade em relação à população e aos saberes indígenas. A história não pode mais ser contada sob a ótica dos invasores, que enaltece assassinos e torturadores, fundamentada pela ideologia do progresso. Há que se ter consciência e coragem para assumir que Goiás foi fundado sobre bases violentas e racistas. Muitos de nossos ancestrais sofreram ou praticaram essas violências, somos frutos dessa trama silenciada e mal resolvida.

Por fim, a colonialidade, os epistemicídios, não se resumem às violências direcionadas aos povos indígenas e às populações tradicionais, embora estas sejam uma parcela gravíssima dos danos que essas relações promovem, tendo em vista que nesses grupos é que se concentram os sujeitos dotados dos maiores contingentes dos saberes relacionados aos territórios dos Cerrados. Mas também a população em geral, os diferentes estratos sociais, são induzidos a legitimar as colonialidades através da reprodução dos preconceitos, das hierarquizações, das divisões.

A guerra cultural implementada nos últimos anos pelos bolsonaristas, cortina de fumaça para os avanços nas desregulamentações para facilitar a entrada predatória do mercado internacional para extração do máximo de recursos que o território ainda possa oferecer, tem sido um ponto *clímax* em que as relações de colonialidade se exacerbaram, e os preconceitos étnicos, de gênero e sociais, entraram até mesmo na pauta oficial do governo federal.



O esboço para essas considerações foi escrito durante o percurso do trajeto entre Jataí e Goiânia, pela BR-060, em Goiás. Esse trecho representa o Goiás moderno. Dentro do território desigual dos Cerrados goianos, a região sudoeste, com seus chapadões planos e altos, onde predominam o latossolo vermelho distrófico, ricos em água na superfície e no subsolo, tornou-se, a partir da década de 1970, mas com mais intensidade desde as décadas de 1990 e 2000, uma região pólo da produção de *commodities* através da agricultura mecanizada e de precisão.

Essa dinâmica só foi possível graças à malha rodoviária que interliga Goiás ao sudeste e ao norte do país, propiciando a criação de um Complexo Agroindustrial de produção, armazenamento e escoamento dos grãos produzidos na região, para as regiões onde se processa ou exporta esses grãos. O corredor produtivo em torno da BR-060 é um exemplar das transformações ocasionadas por uma gestão do território integrada com o mercado internacional.

A paisagem desse percurso, principalmente mais à sudoeste, entre os municípios de Jataí e Acreúna, é monótona e reveladora dos danos ambientais que essa integração produz. A vegetação foi quase que totalmente substituída pelas monoculturas de soja e cana. Os edifícios de zinco, grandes graneleiros para armazenamento da produção, se sucedem um atrás do outro. Nas veredas, os buritis apresentam uma folhagem seca, apesar de brotando com o início da estação chuvosa, decorrente da escassez hídrica, e do manejo das lavouras em volta, onde os agrotóxicos são dispensados de aviões e se espalham no ar. Os pivôs centrais de irrigação se multiplicaram nos últimos anos, em decorrência do escasseamento das águas superficiais, o lençol freático vem sendo drenado. A BR-060 é a espinha dorsal desse sistema que produz precariedade ecológica no local, afetando o clima e a qualidade de vida da população, e leva para fora as riquezas.

Economicamente as cidades pólos do agronegócio, como Jataí e Rio Verde, no sudoeste goiano, são berços da desigualdade acentuada. A parcela diretamente envolvida com os complexos agroindustriais, que atuam como correia transmissora da riqueza para a elite global, é rica em dinheiro, mas pobre em cultura. A maioria sulistas, que migraram em decorrência de subsídios para a prática da agricultura tecnicizada, não tem nenhum vínculo de territorialidade com os Cerrados, e degrada sem remorsos uma terra que, para eles, só serve para produzir lucro. Por viverem em uma bolha tecnológica que entusiasma

peessoas sem profundidade cultural, acreditam e defendem que são os responsáveis pelo progresso do lugar, que merecem a gratidão da população nativa.

Ao lado da opulência, crescem a cada dia as favelas e moradias precárias nas cidades pequenas e médias do estado de Goiás. São os remanescentes das zonas rurais que, desterritorializados pela agroindústria, que não possibilita a existência de agregados, meeiros, posseiros, no interior dos seus espaços racionalizados, foram obrigados a migrar para as cidades, mesmo que toda a sabedoria que tenham adquirido na vida seja para a lida com trabalhos rurais. Acabam tendo que se submeter a subempregos. Grande parcela dessa população periférica é composta por migrantes de outras regiões do país, principalmente do norte e nordeste, que vêm para Goiás iludidos com o sonho de se empregar na agroindústria, seduzidos pelo alto PIB da região. Mas, sem qualificação, grande parte não consegue emprego formal e precisa inventar alternativas para sobreviver.

Durante a viagem na qual essas considerações foram elaboradas, uma cena inusitada revela as contradições da ocupação dos Cerrados goianos, em especial do Goiás moderno, agroindustrial. Oitenta e quatro caminhões percorriam a BR-060, em comboio, com adesivos com a frase Socorro FFAA (uma sigla não oficial, popularmente utilizada para se referir às forças armadas brasileiras) e bandeiras do Brasil, que foram capturadas como símbolo da extrema-direita brasileira nas últimas eleições. Durante o trajeto aglomerados de pessoas vestidas de amarelo e portando bandeiras aguardavam o comboio para saudá-los. O que se ouve em forma de boatos é que em grupos de *whatsapp* circulam mensagens de que no dia 15 de novembro, feriado do dia da proclamação da república, manifestantes de extrema-direita se reuniriam em Brasília para exigir intervenção militar e anular a eleição presidencial. Ao que tudo indica o comboio avistado se deslocava para essa movimentação.

Nas eleições presidenciais realizadas em 31 de outubro de 2022, o candidato do partido dos trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, se sagrou vencedor em disputa contra o anterior presidente da república, adepto de ideologias fascistas e totalmente refém da agenda neoliberal. Mesmo com o maior esquema de compra de votos da história do país, efetivado pelo mandatário de extrema-direita, o povo referendou seu rechaço às políticas de fome, miséria e destruição ambiental, praticadas pela gestão atual, e atestou

que quer a retomada do projeto de centro esquerda, com investimentos na área social e na educação.

Em Goiás, em especial nas regiões do agronegócio, o antigo mandatário, representante das agendas neoliberais de abertura para o mercado externo e diminuição dos investimentos públicos, venceu o pleito, ao contrário do resultado nacional. Isso porque, mesmo com o aumento da fome, da miséria, da população de rua, da violência e das epidemias, decorrentes de um governo que se omite em promover uma distribuição de renda menos desigual, as taxas de exportação aumentaram e os agricultores, que exportam em dólar, ampliaram seus lucros.

Os agentes do agronegócio atuam deliberadamente contra os interesses do povo e do lugar em que atuam, lucrando com a precarização da vida nas periferias, e ainda, através dos seus recursos de publicidade ideológica e até mesmo da coação a trabalhadores, induz a população local a pensar e agir contra os seus próprios interesses. Iludidos pelos números do PIB do agronegócio, a população que sente na pele o arrocho da inflação e da diminuição do investimento público em amenizar as desigualdades sociais, os habitantes dos Cerrados, que convivem com um bioma maltratado e em vias de esgotamento, atuam politicamente, em sua maioria, a favor dos interesses patronais.

A colonialidade vem produzindo epistemicídios desde a sua chegada em Goiás, com os primeiros bandeirantes paulistas. A tentativa de imposição da mentalidade do colonizador na cabeça do colonizado, pelo apagamento de seus saberes nativos, pela subalternização e invisibilização da sua cultura, pelo extermínio dos seus sábios, pelo sequestro das mulheres e crianças, pela remoção dos seus territórios tradicionais, pela propaganda ideológica, é um processo que nunca acabou. Em parte eles são exitosos, conseguem, muitas vezes, impôr as suas crenças interesseiras. Mas o histórico da ocupação humana nos Cerrados goianos vistos de uma perspectiva decolonial atestam que sempre houve e há r-existências. O povo se reinventa diante do avanço da globalização e recria os seus saberes populares, sua cultura, seu modo de vida. Nossa pretensão é a de contribuir com a valorização dos saberes de r-existência do *homo cerratensis*, para, fortalecidos com nossa autenticidade, enriquecer a biodiversidade epistêmica, a ecologia dos saberes. Assim combateremos o nocivo paradigma da monocultura.

As populações tradicionais do Cerrado: indígenas, quilombolas, ribeirinhos, agregados, retireiros, coletores, são os principais detentores dos saberes sobre a utilização

dos recursos dos Cerrados para cultivo de vidas com qualidade, e devem ser os protagonistas em um processo de retomada da gestão desses territórios por sua população. Para isso, faz-se necessário a recuperação da gestão epistêmica das ideias, a contraposição às estratégias de formação ideológicas operadas pela colonialidade. As universidades dos Cerrados, se se despirem dos seus eurocentrismos, têm um papel fundamental nesse processo.

## 8. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás (GO).

## 9. REFERÊNCIAS

BRAGA, Lisandro. *Repressão estatal e capital comunicacional: O Bloco Dominante e a Criminalização do Movimento Piqueteiro na Argentina*. 2016. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Brasil Central*. Eco história do Distrito Federal. Do indígena ao colonizador. Ed. Revisada e Atualizada. Brasília: Verano, 2000.

DUSSEL, Enrique D. *Meditações anticartesianas sobre a origem do discurso filosófico da modernidade*. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2013.

GOMES, Horieste. América: desenvolvimento ou exploração colonial e neocolonial? In: *Boletim Goiano de Geografia*. Vol. 14, no. 1, 1994. pp. 23, 38.

GROSFUGUEL, Ramón. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. In: SOUSA SANTOS Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade*. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2013.

MIGNOLO, Walter D. *La Idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Ambientes e Territórios: uma introdução à Ecologia Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

Recebido em 20/10/2023

Aceito em 15/11/2023

Publicado em 26/01/2024